

## A BELEZA E A ARTE REVISTAS NA OBRA *O RETRATO DE DORIAN GRAY*

**Sarah da Silva Araújo**

Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)  
sarah.pacto.go@gmail.com

**Sandra Fátima da Silva Araújo**

Mestre em Letras (Literatura e Crítica Literária) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)  
sandra.pacto.go@gmail.com

**Sabrina da Silva Araújo**

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica / Anápolis-GO  
sabrinasilva@gmail.com

### RESUMO

O presente texto busca mostrar a representação da beleza em *O retrato de Dorian Gray*, obra que gira ao redor da questão estética e dos estereótipos associados. O culto à imagem é uma característica marcante do homem moderno regida por padrões mundialmente pré-estabelecidos para o que vem (ou não) a ser belo. Isto é, busca-se incessantemente o “corpo ideal” sob a perspectiva incondicional da beleza, da jovialidade, enfim, da aparência em si. Para realização do trabalho postula-se um suporte teórico de autores que versam sobre arte, literatura e cultura, realiza-se então uma abordagem qualitativa, adotando-se a metodologia da revisão bibliográfica e da análise de conteúdo por constituírem indicadores indispensáveis para uma compreensão da sociedade do século XIX (período em que a obra foi escrita e em que o enredo se desenvolve), também chamado de Era Vitoriana, um dos períodos áureos da Inglaterra, em que prevaleciam convenções moralistas e sociais.

**Palavras-chave:** beleza, arte, Dorian Gray.

### ABSTRACT

The present text aims to show the representation of beauty in *The picture of Dorian Gray* a work that evolves around the matter of aesthetics and of its associated stereotypes. The cult of images is a striking characteristic of modern man governed by worldwide pre-established standards of what is (or isn't) considered to be beautiful. That is, there is a tireless search for “the perfect body” under the unconditional perspective of beauty, joviality, therefore, of appearance in itself. For the realization of this work a theoretical framework consisting of authors who study art, literature and culture is postulated hence, a qualitative approach is performed, adopting the methodology of bibliographical revision and of content analysis since these are indispensable indicators for the comprehension of the XIX century society. This is the period in which the work was written and that the plot develops and is also called the Victorian Era, one of England's golden periods in which moralist and social conventions prevailed.

**Keywords:** beauty, art, Dorian Gray.

## Introdução

O objetivo desse trabalho é analisar a narrativa *O retrato de Dorian Gray*, escrito por Oscar Wilde, publicado pela primeira vez entre 1890 e 1891. Essa narrativa trata da relação estabelecida entre o jovem Dorian Gray, o pintor Basil Hallward e o experiente Lorde Henry, conectados pelo retrato que representa a imagem de Gray. A narrativa do livro se passa em Londres, no final do século XIX, ainda durante a Era Vitoriana que durou de 1837 a 1901.

Portanto, esse trabalho se debruça sobre uma obra da literatura vitoriana, pois o livro foi produzido durante o reinado da rainha Vitória I. A abordagem crítica da sociedade da época é uma das principais características dessa literatura. A crítica se dava, especialmente, ao fato do alto padrão de comportamento dessa sociedade, marcada por ideais supostamente ingênuos que se faz inerente ao belo ou o “fato” de os maus serem feios e velhos. Consequentemente, pode-se relacionar a tais paradigmas a exagerada importância do corpo, da imagem em si sobre todos os princípios éticos e morais, a ponto de justificar atitudes corrompidas e costumes da realeza. Como afirma Corrado:

A sociedade da época vitoriana, com suas múltiplas inquietações, não é precisamente unívoca, e se caracteriza por uma total ambivalência na sua adoção de padrões éticos duplos e imposição de um comportamento irrepreensível exteriormente, mesmo quando se ocultem rachaduras e abismos: uma obscuridade profunda das quais se emergem sedutoras vozes da transgressão. (2009, p. 57; tradução nossa).

E é sobre essas transgressões que os autores da época escrevem, em especial no livro *O retrato de Dorian Gray*, além do grande questionamento sobre a forma de viver da

sociedade da época, o autor aborda outros temas polêmicos, como a homoafetividade e o suicídio. O quadro é uma espécie de espelho de contemplação de Dorian Gray e funciona como uma lembrança de quem ele é, revelando o medo do personagem em tornar-se feio, mas também de morrer. Como não deseja envelhecer e morrer, tenta transformar sua vida em experiência artística pelo estudo e refinamento de suas percepções, e assim fugir da ação temporal.

A justificativa para estudar esse autor inglês surge de uma grande inquietação sobre o espaço que a beleza adquire na sociedade, até que ponto a questão da ética e estética leva o ser humano a fazer coisas, como “deformar o próprio corpo” ou a buscar a beleza acima de tudo. Adota-se a metodologia da revisão bibliográfica e da análise de conteúdo, por constituírem indicadores indispensáveis para uma compreensão da sociedade, das práticas humanas e dos valores ali inseridos.

A obra analisada neste trabalho associa-se aos parâmetros do século XIX, pois se constrói a partir da questão estética e dos modelos a ela associados, condizentes com o período caracterizado pelo “endeusamento” à imagem, à beleza, à valorização do corpo, do físico, do exterior em detrimento do interior.

Nas palavras de Wilde: “Mas a beleza, a verdadeira beleza, acaba onde principia a expressão inteligente. A inteligência em si é uma espécie de exagero; desmancha a harmonia de qualquer rosto” (2014, p. 16). Considerando essa afirmativa, parte-se do pressuposto de que a beleza, via de regra, estaria intimamente relacionada à ausência do pensamento crítico, tendo em vista que aos “belos” caberia um papel “artístico” de observação e admiração por parte dos demais indivíduos.

O romance constrói-se na tentativa de perpetuação da eterna juventude, materializado no quadro que traz a imagem de Dorian Gray, personagem que paga um

alto preço para ver seu desejo realizado, pactuando, manipulando e sendo manipulado. Produzida para imortalizar a juventude de Gray, a pintura configura-se em ironia por representar o objeto-valor de Gray, quando este tenta, a todo custo, ser jovem para sempre. No entanto, a juventude eterna mostra-se uma falácia, uma vez que ser jovem para sempre está no imaginário, tendo em vista que a “fisionomia envelhecida e depravada” do retrato se dá, obviamente, devido ao tempo, mas, sobretudo, à total ausência de escrúpulos de Dorian Gray.

## 1. O retrato: um disfarce e uma máscara na sociedade moderna

O romance *O retrato de Dorian Gray* é complexo e há muitas facetas a serem complementadas sobre ele, como a questão do “self”, das redes sociais, da busca pela aparência perfeita, entre outros aspectos atuais. O espanto que o retrato suscita vem de um estranhamento da própria imagem retratada, de uma ambiguidade que nela se manifesta, sobretudo no que diz respeito à presença e à ausência: diante de um retrato, somos remetidos à presença de uma pessoa que, no entanto, não está realmente ali; o próximo e o distante; o semelhante e o dessemelhante; o passado, o presente e o futuro; a juventude e a velhice numa complexa rede de acontecimentos.

As marcas presentes nesse romance, como as roupas, as características dos personagens e o fascínio pela beleza remetem ao dandismo, que é um forte traço do romance inglês do período vitoriano, geralmente retratado por um personagem rico, que exibe elegância e luxo, e intenta manter sempre uma aparência de distinção dentre os demais. Baudelaire discutiu esse aspecto, ressaltando que:

[...] esses seres não têm outra ocupação senão cultivar a ideia do belo em suas próprias pessoas, satisfazer suas paixões, sentir e pensar. Possuem, a seu bel-prazer e em larga medida, tempo e dinheiro, sem os quais a fantasia, reduzida ao estado de devaneio passageiro, dificilmente pode ser traduzida em ação (BAUDELAIRE, 1988, p. 183).

Interessante observar que a presença desse dandismo é também uma das inquietações da modernidade, sobre a qual Baudelaire discorre, apontando que o artista retira de seu tempo os elementos em busca de algo que o diferencie do que então é corrente. Em cada época, em cada tempo, mesmo que um artista apresente em sua obra de arte algo próprio desse momento, haverá algum aspecto ou elemento que a diferencie, que a torne singular em relação a outras produzidas. Assim, “O papel do herói, conferido ao dândi na tragédia moderna, corresponde ao espírito de oposição e revolta, e seu caráter trágico consiste no fato de sucumbir necessariamente na luta contra a trivialidade da existência” (OEHLER, 1997, p. 207). Dessa forma, o dandismo pode ser entendido como uma controvérsia aos valores da época, e que só foi permitida a alguns em virtude do seu pertencimento à burguesia, que lhe possibilitava tal comportamento.

A arte tem o poder de eternizar um instante, ressaltando a capacidade de se colocar de forma alheia ao tempo e, por isso, ser sempre moderna. Desse modo, não é o tempo que age sobre a obra de arte, e sim, ela que o abriga em si. A semelhança do retrato com o modelo é intensa e nos momentos subsequentes à conclusão da pintura, os personagens referem-se ao quadro como se fossem também o modelo, o que pode ser verificado nos trechos a seguir dos diálogos entre o modelo, o pintor e um amigo:

- Apreciá-lo? Adoro-o Basílio. Sinto que é parte de mim mesmo.
- Bem, assim que “você” estiver seco, será envernizado, posto numa moldura e enviado à sua casa. Você poderá, então, fazer o que quiser de “você” mesmo.

- [...]
- Você não deveria dizer tais coisas diante de Dorian Gray, Harry.
  - Diante de que Dorian? Do que nos serve o chá ou daquele do retrato?
  - Diante de ambos.
- [...]
- Ficarei com o verdadeiro Dorian – disse tristemente.
  - É esse o verdadeiro Dorian?
  - exclamou o original do retrato, adiantando-se até ele.
  - Sou realmente assim?
  - Sim, você é exatamente assim.
  - Maravilhoso, Basílio!
  - Pelo menos, na aparência, você é assim. Mas este não mudará nunca – suspirou Hallward. – E já é alguma coisa (WILDE, 2014, p. 35).

Os fragmentos registram a força de um retrato e o modo como este se confunde com a própria pessoa, sendo tratado quase como se fosse a pessoa real. O jovem Dorian, ao ver o retrato finalizado, encanta-se completamente – por sua própria imagem –, e é por meio da pintura que Dorian consegue enxergar sua intensa beleza. Ao mesmo tempo, tem consciência de que a beleza, assim como a juventude, é efêmera, e constata que o tempo provocará a ruína das coisas que são belas.

## 2. A beleza

A beleza é tema constante na literatura e motivo de muitas produções poéticas. Entre os pensadores gregos, o belo estava associado a três acepções: a estética, a moral e a espiritual. Vários filósofos se dedicaram ao tema e Platão afirmava que a beleza se relacionava à inteligência pura, uma espécie de arrebatamento e de entusiasmo que se apodera dos poetas. Em contraposição, Aristóteles considerava a beleza associada à harmonia e ao ordenamento, em busca do equilíbrio e do que agrada o sujeito.

Desse modo, a arte assume papéis diversos de acordo com a época e com as reflexões sobre sua constituição e o fazer poético, sofrendo influências da pintura de retratos, em alguns momentos realistas, outros momentos idealizado ou irônico, que atesta, de acordo com Mutran, “o desejo de definir o ser humano” (MUTRAN, 2002, p. 92). O retrato do personagem Dorian Gray definia seu interior, sua alma. O retrato pintado é, pois, obra de arte, arte, por sua vez, compreendida não em sentido platônico, enquanto mimese, mas criação pictórica, própria da realidade e das várias nuances interpretativas.

Segundo Munira H. Mutran, em seu livro *Álbum de Retratos*, o artificialismo faz parte de um contexto cultural do século XIX e sua expressão máxima “é o romance *À rebours*, de J. K. Huysmans (1848-1907), no qual dês Esseintes, a personagem principal, abandona o mundo parisiense para isolar-se em uma casa no campo [...] para recriar a natureza” (MUTRAN, 2002, p. 125). Exemplo dessa postura é a afirmação do protagonista Dorian Gray de que seus atos teriam sido influenciados também pela leitura do livro *À rebours*.

O ato de criação artística somente se opera mediante as significações do objeto para o qual se volta a atividade do artista e, se o artista tende a aplicar o seu eu individual no ato da criação, essa individualidade não lhe é dada como ato determinante da criação, porém é antes dada na interdependência entre arte-artista-obra, como definiu Heidegger: “A origem da obra de arte e do artista é a arte” (HEIDEGGER, 2002, p. 58). Por isso, a semelhança produzida pelo artista é algo ilusório, enganador, simuladora de uma realidade que, de fato, não existe.

Considerando a questão da apreciação estética, a criação depende da sensibilidade e da maneira como o artista exprime a sua impressão sobre a coisa bela

enquanto vivência estética, constituindo um juízo estético que está conectado com a capacidade de provocar o julgamento, o diálogo com o mundo dado pelo artista/autor que reverbera na própria existência.

A experiência estética é o prazer da consciência intimamente ligado ao juízo do gosto e a beleza, condição de ser dos próprios objetos. Para Schiller, o artista deve superar em si os limites do caráter específico de sua arte, ressignificando a própria matéria que elabora. Nesse sentido ele afirma que:

É claro que aqui só se trata da aparência estética que se distingue da realidade e da verdade – não da aparência lógica que se confunde com essas –, que consequentemente é amada por ser aparência e não porque se possa tomá-la por algo melhor que ela mesma. Somente a primeira é jogo, ao passo que a segunda é mero engano [...] o impulso lúdico se apraz na aparência (SCHILLER, 2002, p. 130).

De acordo com a concepção schilleriana, para o olhar de Basil Hallward, Dorian Gray é a personificação do belo, da arte, é a forma imponente, a imagem que se impõe às expectativas do pintor, sendo, inclusive, muitas vezes, observado de longe, às escondidas. Logo, Dorian se reafirma sob o domínio artístico de Basil, mas deixa-o livre para imaginar. Basil, com a imaginação livre, joga com a imagem de Gray, aparência estética que é jogo, jogo de aparências, que se distingue da realidade e da verdade.

### 3. A beleza como símbolo da moralidade

A moral é outro aspecto explorado pela arte e, no caso de *O retrato de Dorian Gray*, não é diferente. Já no prefácio do livro, Wilde trata da relação entre o homem, o



mundo e os valores que modelam a sociedade e afirma que o artista articula processos para atingir a perfeição, símbolo da beleza, nas palavras do escritor: “revelar a arte e ocultar o artista é a finalidade da arte” (WILDE, 2014, p. 5).

Cada tempo faz com que os valores sejam modificados e circulem por meios diversos, e não é diferente com a sociedade vitoriana rica da época, pois apesar de ter sido marcada por um período de extrema desigualdade social, os que detinham o poder econômico moldavam-se em um comportamento esteta e individualizante, marcado pela valorização da beleza. Assim, a moral é um código aberto capaz de promover a felicidade que, por sua vez, tudo justifica em nome do exercício de matar o tédio.

Na obra existe um laço indissociável entre arte e moral. Em um primeiro momento, a obra é exemplar da perfeição clássica: sublime e belo, bem elaborado e harmonioso, em um segundo momento, torna-se grotesca, como se retratasse o processo de transformação da pintura. O artista pode adotar como tema a vida moral do homem. Contudo a moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito.

De acordo com a concepção de Wilde, a arte está acima da moral e Dorian Gray personifica o estilo estético de vida, perseguindo gratificações pessoais e satisfazendo-se com indulgências até chegar à imoralidade e ao crime, confirmando o pensamento proposto pelo esteticismo: nenhum crime é vulgar, mas toda vulgaridade é crime.

Como afirma Duggan, esse movimento estético concomitante com a Revolução Industrial do final do século XIX “ênfaticou o aspecto artístico do trabalho do ser humano em produzir uma variedade de bens, desde mobiliário até máquinas e literatura” (2009, p. 60-68). Ele postulava, ainda, que a obra de arte é destituída de conteúdo moral. A obra de arte tem uma moralidade própria, portanto distante de qualquer julgamento ou juízo

de valor. Justificam-se, desse modo, todas as ações perpetradas por Lorde Henry e Dorian Gray.

É a partir do culto ao belo que o autor dá margem para a ampliação de outras características do esteticismo, como a liberdade do indivíduo e o desenvolvimento de sua personalidade. O retrato foi criado para ser escondido e não exibido, por ser capaz de revelar uma alma impura e doentia, contraditoriamente ao espírito belo e moralizante.

Consciente de todos esses aspectos, Wilde inova ao lançar sua obra, sobretudo devido a duras críticas que recebera quando da publicação do romance:

Costuma-se dizer que a Beleza é somente superficial. Pode ser que seja. Mas não tão superficial, pelo menos, como o Pensamento. Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas. Só o medíocre não julga pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, não o invisível (WILDE, 2014, p. 24).

Nesse trecho, o aristocrata julga a beleza como um valor mais importante que o pensamento. Está impregnada, na fala do personagem, toda uma ideologia de classe da sociedade vitoriana, em que se supervaloriza a aparência e o poder aquisitivo ante a essência de cada ser humano. Dessa forma, Wilde procura mostrar e denunciar na sua obra a prática desses valores contraditórios, dos antagonismos de uma sociedade que se esconde atrás de uma máscara. Por isso, a experiência estética é uma maneira de se entender o mundo e da instauração de novos conceitos da realidade.

## Considerações finais

*O retrato de Dorian Gray*, enquanto obra de arte, tem o privilégio de ser uma criação única, esteticamente insubstituível. Oscar Wilde devolve ao leitor a individualidade, ao longo da leitura, mas afirma, no fundo, uma verdade muito séria: a identidade pessoal é algo intransferível. O personagem Dorian Gray torna-se artista dele mesmo, um personagem capaz de ações culposas para viver a plenitude do homem do século, amante das artes, da cultura. Seus atos, porém, condensam no retrato, uma imagem velha e culposa diferente do proclamado por ele, Basil e Lorde Henry no início do romance.

Dorian Gray não só afunda na imoralidade, entendida como valor contrário ao social, mas também influencia outros jovens a fazerem o mesmo. Ele é um espírito mais livre para o seu tempo, talvez para qualquer outro tempo. As máscaras sociais fazem parte do cotidiano de Dorian, homem moderno que assume várias facetas para inserir-se na sociedade inglesa, que dignifica a aparência assumida pelo sujeito.

Comprova-se, pela análise realizada, a grande ironia presente no romance, construída em torno do jovem Gray que intenta, a qualquer preço, manter a beleza e a juventude eternas em uma relação conflituosa que Dorian estabelece com o retrato, e ambos terminam por serem destruídos. O comportamento de Dorian se dá não pelo medo de que este o subtraia a autenticidade de sua personalidade, porém pela revelação constante dessa autenticidade: o verdadeiro Dorian, aquele que ninguém vê, o assassino, frio e perverso impresso no retrato e que não pode ser simplesmente ignorado pelo Dorian que exhibe uma beleza eterna.

## Referências

BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. In: COELHO, Teixeira (org.). *A modernidade de Baudelaire*. Tradução Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 159-212.

CORRADO, A. Entre fantástico y gótico: modelos literarios de vampiras em La literatura inglesa e italiana entre fines del ochocientos y principios del novecientos. In: VOLTA, L.; MARTINI, C. E. *Fantasmas, sueños y utopías en literatura, cine y artes plásticas*. Córdoba: Del Copista: Facultad de Lenguas – UNC, 2009.

DUGGAN, Patrick. *The conflict between aestheticism and morality in Oscar Wilde's The Picture of Dorian Gray*. Boston University Arts & Sciences Writing Program, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

MUTRAN, Munira H. *Álbum de retratos: George Moore, Oscar Wilde e William Butler Yeats no fim do século XIX um momento cultural*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP.2002.

OEHLER, Dolf. *Quadros Parisienses (1830-1848): estética antiburguesa em Baudelaire, Daumier e Heine*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. São Paulo, Iluminuras, 2002.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Tradução Lígia Junqueira. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

**Recebido em 31 de janeiro de 2019.**

**Aceite em 18 de fevereiro de 2019.**